

CAPÍTULO II

MUSEU: centro de educação comunitária ou contribuição ao ensino formal?³

1 - INTRODUÇÃO

É com imensa satisfação que participo do *I Simpósio sobre Museologia, na UFMG*. Com a realização deste evento, pude constatar o entusiasmo e a garra dos profissionais que tiveram a iniciativa de instalar, nesta Universidade, *O Museu de Ciências Morfológicas*, que tem como objetivo, democratizar o ensino, abrir as fronteiras da Universidade, incentivar a realização de ações de ensino, pesquisa e extensão, de forma integrada, em diferentes níveis de ensino. Parabênizo, pois, a iniciativa, principalmente, por ter sido gestada por profissionais da área das ciências médicas, que muitas vezes nos fazem sentir como “*pobres mortais*”, diante da sapiência daqueles que dominam o nosso corpo e o analisam como um “*objeto à parte*,” sem a devida contextualização, sobretudo, dos aspectos culturais. Com certeza, o *Museu de Ciências Morfológicas da UFMG* irá colaborar, efetivamente, com a necessária “*humanização*” da área médica, e para a indispensável integração entre a Universidade e a Comunidade.

Registro, também, o meu entusiasmo, por participar de um Simpósio de Museologia em Minas Gerais, Estado que possui um “*patrimônio instituído*” de grandes proporções, e no nosso entender, ainda carente de ações museológicas efetivas, que poderiam ser concretizadas por meio da existência de um Curso de Museologia, em nível de Graduação ou Pós-Graduação, e que deveria ser o responsável não só pela formação de profissionais necessários à

³ Texto apresentado no I Simpósio sobre Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais, realizado em Belo Horizonte, no período de 19 a 21 de março de 1997, sob o patrocínio do Museu de Ciências Morfológicas.

devida musealização dos acervos já reconhecidos e tombados, bem como também pela realização de programas junto aos diversos segmentos da sociedade, no sentido de qualificar culturalmente e musealizar a prática social, o cotidiano mineiro, tão rico e desprezado pelos nossos museus e escolas. Que este Simpósio represente também, um momento de reflexão no sentido de incentivar as UFMG e demais instituições participantes a envidarem esforços com o objetivo de suprir essa carência. Minas tem condições e merece o seu Curso de Museologia. A Bahia pode colaborar, e, com certeza, também será enriquecida com essa iniciativa.

As reflexões que serão aqui apresentadas, a partir do tema proposto pela organização do Simpósio, qual seja: “*Museu: centro de educação comunitária ou contribuição ao ensino formal?*” são o resultado da nossa atuação ao longo dos anos, no Curso de Museologia da UFBA, desenvolvendo trabalhos de ensino, pesquisa e extensão, em museus e escolas da cidade do Salvador, e, mais recentemente, na elaboração da Tese de Doutorado. Não significa, entretanto, que as considere definitivas, prontas, acabadas. Pretendo que sejam um incentivo ao debate, à reflexão conjunta, ao rico processo de troca, de construção e reconstrução do conhecimento.

2 - RECONSTRUINDO E DISCUTINDO O TEMA PROPOSTO

Em 1987, publicamos o nosso primeiro livro, intitulado: “*Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária*”. Escolhemos esse título, não só porque acreditávamos que era significativo para as ações que estavam ali registradas, mas, também por considerarmos, já àquela época, que a Escola, o Museu e a Comunidade deveriam interagir, realizando ações conjuntas, buscando objetivos comuns. Portanto, no nosso entender, o Museu é uma instituição que tem um compromisso com o processo

educacional, seja ele formal ou informal, devendo a escola, também, participar e interagir com a comunidade onde está inserida. Nesse sentido, a participação comunitária não exclui a participação no ensino formal; ao contrário, é necessária a integração, a atuação conjunta. Tanto o museu como a escola devem potencializar os recursos educativos de uma comunidade, realizando o intercâmbio necessário entre o ensino formal e não-formal, um alimentando o outro e se enriquecendo mutuamente.

As transformações recentes nos aspectos político e econômico no âmbito internacional, apontam para a busca da superação dos paradigmas até aqui adotados, sobretudo no campo educacional. Analisando esses aspectos, Swartzman (1980, p.147), sugere que

... a nova matriz de poder mundial que precisamos construir coletivamente deve suplantar, tanto a perspectiva dicotômica, quanto a visão unidimensional na política e na sociedade, para dar lugar a uma orientação multidimensional ou multiparadigmática com crescente conteúdo cultural e uma estratégia equitativa de ação baseada na participação democrática.

Nesse sentido, compreende-se que as diretrizes e as metas traçadas para a política educacional, no momento presente, devem apontar para uma ação multidisciplinar que enfoque as diferentes maneiras humanas de ser, de estar no mundo, e de construção e reconstrução das múltiplas realidades. Enfim, cada vez mais, torna-se necessária uma ação educativa, que tenha como referencial o patrimônio cultural, considerando o seu rico processo de construção e reconstrução. Sendo assim, as atividades pedagógicas deverão

buscar, por meio de uma ação integrada com a comunidade onde a escola está inserida, a qualificação do “ *fazer cultural* ” local, buscando inseri-lo nos contextos nacional e internacional. Comentando sobre a necessidade de se educar os indivíduos para a democracia e a participação nacional e internacional, SANDER (1995, p.129) chama a atenção para o fato de que os países economicamente avançados concebem os seus paradigmas organizacionais e administrativos com base em suas necessidades econômicas, tradições culturais e aspirações políticas. Salienta ainda o referido autor, que “ *a eficiência e a eficácia organizacional e administrativa nos países avançados se deve, em grande parte, a que seus paradigmas têm raízes na sua própria História, sua própria cultura* ” . É necessário, pois, considerar as múltiplas realidades da América Latina, buscando-se alternativas organizacionais e administrativas para o Setor público e para a gestão da educação, incrementando a realização de ações locais, desenvolvidas em perspectiva global, que tenham como referencial o patrimônio cultural.

Encurtar, pois, as distâncias entre o ensino formal e não-formal, é urgente e necessário. A vida, o conhecimento construído e reconstruído a cada momento, na vivência do cotidiano, deve ser um referencial essencial para a análise e o enriquecimento da prática pedagógica, proporcionando ganhos significativos para todos os sujeitos envolvidos no processo: professores e alunos dos diversos níveis de ensino, membros da comunidade, pesquisadores, etc. Estamos assumindo, neste trabalho, a definição de comunidade apresentada por Myriam Veras (1997, p.50), qual seja: *uma unidade dinâmica, onde se destacam os fatores de relacionamento, de delimitação geográfica e de função*. Esclarece a referida autora que as categorias de relações na comunidade se referem àqueles

vínculos básicos que correspondem aos laços mais resistentes na rede de relações, como a família, o trabalho e a vizinhança. Salienta, ainda, que a dimensão da comunidade em relação ao espaço físico se fundamenta na importância que a proximidade geográfica tem para motivar a aglutinação, em face de determinados tipos de relações e atividades, visto que na sociedade moderna uma grande parte de contatos sociais é desenvolvida fora do círculo de vizinhança. Salienta também, que a “função”, se refere ao papel relativo desempenhado pela unidade social face das unidades circundantes. Comentando sobre a necessidade de uma ação concreta e duradoura entre a escola e a comunidade, SIRVENT (1984, p.45) toma a educação permanente como um paradigma orientador da educação comunitária e apresenta as hipóteses abaixo relacionadas como fundamentação de estratégias para a educação não-formal:

1 - Não existe uma distinção nítida entre a pessoa imatura, que deve aprender (infância e adolescência), e a pessoa madura, que já sabe tudo (adulto). Esta suposição anula a dicotomia existente entre uma etapa da vida, consagrada à aprendizagem e a outra dedicada à produção.

2 - A necessidade de educação estende-se por toda a vida do indivíduo, da mesma maneira que a necessidade de alimentação, saúde ou moradia. Isto implica assumir que os indivíduos e os grupos sociais estão expostos constantemente, ao longo de toda sua vida, a situações problemáticas novas, que demandam a aprendizagem de formas de condutas desconhecidas, para superá-las.

3 - Existe em uma comunidade uma série de recursos ou de fontes potenciais, para a aprendizagem contínua de jovens e adultos. No caso das populações periféricas, assumem especial importância todas

aquelas associações voluntárias que surgiram espontaneamente como resposta a novas ou desconhecidas situações problemáticas, vividas quotidianamente pelo adulto de grupos sociais economicamente carentes.

4 - É possível organizar uma ação educativa complexa, que seja resultante de uma rede de interações entre diversos recursos educativos. Não se trata de somar ou adicionar componentes isolados, mas de integrar os mesmos ao redor de objetivos educacionais comuns. Nesta rede insere-se a educação formal ou uma redefinição de seu papel frente à comunidade e aos recursos educativos não-formais e informais da mesma. As instituições do *macro-sistema* constituir-se-iam num sistema aberto em contínua comunicação, tanto entre si como com o meio em que estão inseridos. As experiências até o momento mostram que as instituições menos flexíveis para se modificar dinamicamente neste processo são as escolares.

Por outro lado, a viabilidade de uma integração efetiva entre museu, escola e comunidade, passa, também, por uma revisão de conceitos na área da Museologia. O mundo contemporâneo, as transformações ocorridas nos últimos anos e já registradas anteriormente, sinalizam para a necessidade de um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades da América Latina. A revisão e superação de determinados paradigmas é essencial, considerando-se a necessidade de criação de novos museus e de reformulação dos já existentes, tornando-os instituições relevantes para a cidadania. A Museologia e o museu têm uma importância central no contextos de reconstrução das nações, na busca de um mundo livre e equitativo. Para tanto, torna-se necessária a formulação de novas diretrizes, à luz dos conhecimentos historicamente acumulados, no sentido de utilizar

o patrimônio cultural como um referencial para o exercício da cidadania e desenvolvimento social, por meio do processo educativo.

Buscando atingir o objetivo acima proposto, estamos buscando uma preservação, que está sendo efetivada, considerando os fenômenos sociais em sua “dinâmica real”, interpretando-os em sua origem, vigência e transformação (SANTOS, 1995). Nesse sentido, estão sendo levadas em conta, sobretudo, as características dos diversos grupos sociais envolvidos no processo, considerando-se, principalmente, as diversidades culturais - as diferentes maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar e de se expressar por meio de diversas linguagens. Para esse fazer museológico, apoiamo-nos na concepção antropológica de patrimônio, ou seja, todas as manifestações humanas, inclusive a quotidianidade, não mais admitindo os limites estéticos que antes lhe eram impostos, entendendo, também, a cultura em uma concepção ergótica e processual, como tão bem enfatiza Bosi (1982, p.39):

A cultura como ação e trabalho. Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdaram, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não a têm. A cultura dos pobres seria um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é oposto à idéia de trabalho, porque nesta todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar, e é a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição do objeto final que interessa.

Para analisarmos o contexto urbano como objeto museológico - portanto passível de ser musealizado, e no qual, a maioria dos museus está inserido - é necessário definirmos a cidade como forma,

como lugar de forças sociais, como imagem; a cidade como artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado pelo homem. Meneses (1985, p.199), ao definir a cidade como um artefato, registra que todo artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor de relações sociais. Sendo assim, a cidade é também lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais, etc. Entretanto, para o referido autor, estas duas imagens, ou seja, de artefato e de lugar onde agem forças múltiplas, não esgotam a realidade da cidade, porque esta é também a sua própria imagem, que se vincula a um fato social dinâmico de produção, circulação e consumo de determinados bens urbanos. Salienta que o nível específico do fato social em causa é o das significações e dos bens simbólicos. Ao chamar a atenção para o fato de que as representações urbanas não constituem mera expressão psicológica ou espiritual nem estrito ato cognitivo, mas um dos componentes da prática social global, que inclui o universo de valores, aspirações, legitimações, e critérios de inteligibilidade, Meneses destaca que falar em simbólico urbano é falar em ideologia. Para Castells (1983, p.99), só há simbólico urbano “*a partir da utilização das formas espaciais como emissoras, mediadoras e receptoras das práticas ideológicas gerais*”.

Nesse sentido, a proposta de um museu que esteja integrado com a escola e o Bairro, deve estar voltada para a compreensão do Bairro como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem. O objeto do museu será, também, o Bairro e a sua relação com o contexto da Cidade, enquanto fenômeno que a análise científica está recuperando e interpretando; portanto, não estão sendo excluídos a cidade de hoje, o Bairro de hoje com suas contradições, pois ambos só poderão ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica.

Quanto ao acervo a ser trabalhado, pode-se identificá-lo como:

- acervo **institucional**
- acervo **operacional**.

O acervo **institucional** será formado, gradualmente, levando-se em consideração os contextos sociais e históricos que as peças documentam, levantando-se as demais referências desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo. Considera-se, pois, de vital importância, nesse sentido, toda produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. Ao acervo **institucional** deve ser associado, também, materiais arquivísticos e iconográficos, tais como fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana, coletados através de pesquisas sociológicas, históricas e antropológicas.

Considera-se acervo **operacional**, a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não só na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas.

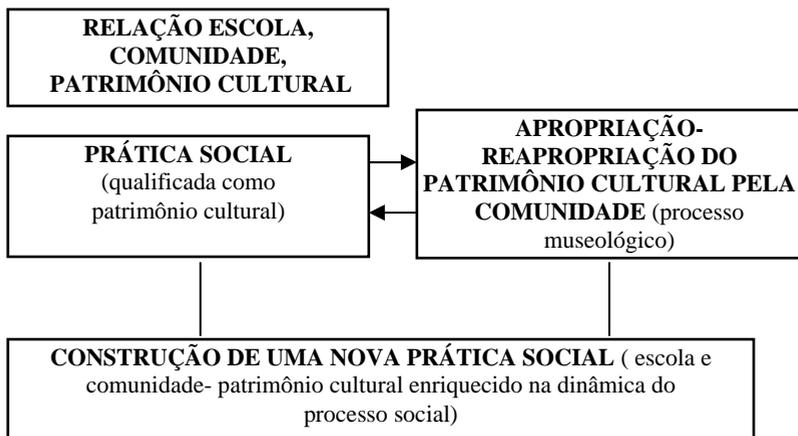
Em síntese, consideram-se os referenciais abaixo relacionados como norteadores das ações a serem executadas:

- reconhece-se o papel ativo do sujeito que conhece e transforma a realidade;

- considera-se o processo educacional como responsável pela formação do cidadão, que deve reconhecer, no seu patrimônio cultural, um referencial para o exercício da cidadania;
- a ação “*museu, escola e comunidade*” deve se dar, a partir da construção do conhecimento em sala de aula, tomando como referencial o patrimônio cultural local (o Bairro e o Colégio), em suas dimensões de tempo e espaço, na dinâmica do processo social, e sua relação com o País e com o mundo.
- a participação comunitária é compreendida como o envolvimento dos moradores locais nas atividades que são desenvolvidas em sala de aula, no Bairro e em relação com outras comunidades, contribuindo para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida, e, ao mesmo tempo, sendo enriquecidas em interação com os diversos grupos envolvidos;
- considera-se fato museal, a qualificação da cultura em um processo interativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social;
- compreende-se o processo museológico como as ações de pesquisa, preservação (coleta, registro e conservação) e comunicação, tendo como referencial o fato museal;
- entende-se como patrimônio cultural, a totalidade da vida, ou seja, o real na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural;
- desenvolve-se a Museologia, com o objetivo de contribuir para uma evolução democrática das sociedades;

- procura-se reconhecer o patrimônio cultural de todos os grupos sociais, utilizando-os como instrumento de educação e desenvolvimento;
- busca-se uma proposta teórico-metodológica, que esteja pautada no diálogo, no argumento e em contextos interativos;
- procura-se obter informações e conhecimentos selecionados, em função das diversas ações que serão desenvolvidas;
- busca-se a socialização das ações museológicas de preservação, pesquisa e comunicação, aceitando que não é necessária a existência de uma coleção para que seja instalado o museu. Neste sentido, a concepção do museu é a seguinte:
análise e reflexão sobre o patrimônio cultural, na dinâmica do processo social - produção de conhecimento - musealização do conhecimento produzido pelos técnicos, com a participação dos sujeitos envolvidos no processo;
- entende-se a função do museólogo-educador, como mediador, atuando com os membros envolvidos no processo, considerando-os donos reais do seu passado e atores do presente.

Enfim, a partir dos referenciais acima apontados, desenvolveu-se o quadro a seguir, que sintetiza o pressuposto metodológico, que embasa a ação museológica a ser desenvolvida, envolvendo o museu, a escola e a comunidade, de forma integrada:



Com o objetivo de apresentar algumas ações concretas, que foram realizadas, tendo como base os referenciais acima apresentados, destacamos, como estudo de caso, três programas executados nos últimos três anos, com a participação de alunos e professores do 1^o e 2^o Graus, do Curso de Museologia da UFBA e de membros da Comunidade do Bairro de Itapuã.

Após a descrição dos mesmos, no item seguinte, tentaremos, dentro do possível, e considerando as nossas limitações, destacar alguns pontos resultantes do processo de ação e reflexão, ao longo do nosso caminhar e que acreditamos possam contribuir para a organização e funcionamento dos museus, para a construção do conhecimento nas áreas da Museologia e da educação.

3 - INTEGRANDO MUSEU, ESCOLA E COMUNIDADE: relatando

três programas, envolvendo diferentes níveis de ensino.

Os diversos programas que passamos a narrar, foram desenvolvidos pelos Setores de 1^o e 2^o Graus e de Comunidade, do Museu Didático-Comunitário de Itapuã - MDCl, situado no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, Museu este implantado por meio de uma parceria entre o Curso de Museologia da UFBA e o Instituto Anísio Teixeira e originado em nosso projeto de doutorado.

1^a programação - “A Escola na Feira”:

Esta atividade foi desenvolvida na disciplina Educação Artística, com a 5^a série do 1^o grau, tendo sido desenvolvida em 1994, e encontra-se registrada, em detalhes, em nossa tese de doutorado. O tema selecionado foi o conteúdo da 3^a unidade, “Cores e Monocromia”, e teve a participação da Profa. da Disciplina, Rita

Pimentel, dos componentes do Núcleo Básico do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, dos alunos da disciplina, dos comerciantes da Feira de Itapuã e moradores do Bairro. As atividades foram desenvolvidas na Feira do Bairro e na sala de aula, tendo sido realizada, com os seguintes objetivos:

Geral:

Desenvolver atividades didáticas relacionadas com a realidade dos alunos, enfocando-a como um patrimônio cultural.

Específicos:

- a) desenvolver a percepção visual, através da observação;
- b) situar a Feira de Itapuã no contexto do Bairro de Itapuã;
- c) fixar o conceito de monocromia através da comparação de cores;
- d) perceber a utilização de figuras geométricas na constituição das barracas e arrumação da Feira;
- e) refletir sobre a Feira, enquanto patrimônio cultural, a partir dos dados coletados;
- f) coletar dados sobre a Feira de Itapuã, em suas diversas trajetórias, a partir da história de vida dos Feirantes;
- g) aproximar o Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior da comunidade onde está inserido;
- h) divulgar o Museu Didático-Comunitário de Itapuã;
- i) musealizar o conhecimento produzido através das ações desenvolvidas.

Desenvolvimento da Programação:

Fase preparatória:

- apresentação da proposta aos alunos, com coleta de sugestões;
- incorporação das sugestões dos alunos à programação;

- divisão do grupo em equipes, de acordo com os diversos Setores da Feira de Itapuã;
- visita da Profa. Rosana Nascimento, do curso de Museologia, que atua no Setor de Documentação do MDCI), à sala de aula, com o objetivo de apresentar os instrumentos para coleta de dados (roteiro de entrevistas e termo de doação), explicando os procedimentos necessários à aplicação dos mesmos;
- elaboração do roteiro de visitas à Feira, de acordo com os conteúdos a serem trabalhados;
- ida da coordenadora do projeto, da Profa. Rita de Cássia S. Pimentel, dos Coordenadores dos Setores do 1º Grau e de Comunidade do MDCI, à Feira de Itapuã, para apresentar aos Feirantes a proposta de trabalho e conseguir a permissão dos mesmos para a realização da programação.

Trabalhando na Feira:

Após a realização das atividades programadas na fase preparatória, os alunos foram conduzidos à Feira, portando os roteiros de entrevistas preparados em sala de aula, contendo questões a respeito da História da Feira, do trabalho dos Feirantes e das condições atuais da Feira. Foram acompanhados pela Professora de Educação Artística e do estagiário do Curso de Museologia, Guelson da Costa Cerqueira, responsável, naquele momento, pelo Setor de Comunidade. Nesse primeiro dia, as equipes trabalharam no Mercado de Peixes e na parte fixa da Feira, realizando as entrevistas. Os Feirantes foram muito receptivos, fato que levou o grupo a prosseguir com muito entusiasmo.

Na semana seguinte, os alunos voltaram à Feira, desta feita trabalhando nos Setores de confecções e materiais diversos e na Feira móvel. Além de responderem às questões contidas nos roteiros de

entrevistas, os Feirantes narravam os diversos problemas existentes, tais como falta de água, falhas na distribuição do espaço, falta de incentivo e dificuldades com a energia elétrica. À medida que o grupo percorria a Feira, a professora os orientava no sentido de observarem a ocupação dos espaços, as cores, a arrumação das barracas e as figuras geométricas na composição das mesmas.

Após a coleta de dados, nas aulas seguintes, foi realizado o levantamento das informações coletadas, por equipe, e, com a orientação da professora, os alunos construíram textos sobre a Feira, abordando os diversos aspectos pesquisados. À medida que os dados eram analisados, a professora abordava os diversos aspectos pesquisados, interpretando-os como produto do trabalho do homem, como um fazer cultural.

Foi solicitado, em seguida, a cada equipe, que escolhesse uma técnica para apresentar o conhecimento produzido, a partir das informações coletadas, aplicando, também, os conteúdos sobre figuras, sólidos geométricos e monocromia. Os alunos confeccionaram desenhos, uma história em quadrinhos e produziram uma dramatização sobre a Feira .

As atividades em sala de aula foram acompanhadas pela responsável pelo Setor de 1º Grau do MDCl, Simone Maria de Jesus. Todo o processo foi documentado, em fotos coloridas e em preto e branco.

Divulgando o MDCI e o conhecimento produzido e entre os Feirantes e moradores de Itapuã:

Com o objetivo de apresentar, à comunidade de Itapuã e aos Feirantes, os resultados do trabalho produzido, foi planejada uma exposição, na Praça Dorival Caymmi, com a participação dos alunos, da professora de Educação Artística, dos componentes dos Setores de Exposição de 1º Grau, de Comunidade e da Coordenadora do MDCI, que foi intitulada: “A ESCOLA NA FEIRA”.

Divulgação e Mobilização da Comunidade:

O Setor de Comunidade do MDCI preparou um texto para ser distribuído nas instituições do Bairro (escolas, clubes, igrejas, associações, etc.), no comércio local e na Feira . Na semana anterior à exposição, foi realizada a distribuição do texto pelos componentes do Setor, que ao entregá-lo, reforçavam o convite, confirmando o dia e local da exposição. O mesmo texto foi distribuído em todas as salas de aula do Colégio, nos três turnos, com todos os professores e funcionários, e também afixado nos diversos estabelecimentos comerciais do Bairro.

Com o objetivo de motivar os transeuntes e os moradores a participarem da exposição, foram programadas apresentações da dramatização, preparada pelos alunos da 5ª série, na Praça Dorival Caymmi, bem como de uma banda de um grupo de jovens da comunidade, da qual fazem parte alunos do Colégio Lomanto Júnior.

Preparando e montando a exposição:

O projeto da exposição foi apresentado e discutido por todo o Núcleo Básico do Museu, sendo que, na semana anterior à montagem, os componentes dos diversos Setores se envolveram com a programação, participando das equipes de preparação da exposição,

divulgação, montagem e monitoria da exposição. A Coordenadora do Projeto, juntamente com o Prof. Ives Quaglia, visitou o local visualizado para a montagem da exposição, definindo os pontos para fixação dos barrotos e a disposição dos diversos núcleos.

Foi escolhido um sábado, para a apresentação da exposição, por ser o dia de maior movimentação na Feira. Às sete horas, as equipes estavam no Colégio para transportar o material até à Praça. Cada equipe encarregou-se de uma etapa dos trabalhos, sendo que os alunos da 5ª série também estavam no local, desde cedo, tendo participado de todo o processo de montagem. A exposição foi montada segundo o planejamento executado. À medida que os transeuntes iam passando em direção à Feira, paravam, curiosos, e observavam o processo de montagem. Alguns moradores, ex-alunos do Colégio Lomanto Júnior, deram depoimentos, que foram gravados em vídeo, para o acervo do MDCl.

Os alunos da 5ª série, juntamente com a Profa. Rita Pimentel, organizaram o cenário para a apresentação da dramatização, reconstituindo uma pequena Feira, com frutas, verduras e mariscos, colocados em cestos confeccionados com jornal e colocados em frente à exposição, sendo que as frutas e verduras foram colocadas em cima de carteiras utilizadas na sala de aula, proporcionando uma integração entre o cenário da peça e o tema da exposição.

Os componentes das equipes percorreram a Feira convidando os Feirantes para visitarem a exposição, e a Coordenadora do Projeto, juntamente com o Prof. Ives Quaglia, que é morador do Bairro, acompanhados de alguns componentes do Setor de Comunidade, visitaram as casas comerciais e os Feirantes, distribuindo o Jornal do Colégio, que estava sendo lançado naquele dia, com o patrocínio de

alguns comerciantes locais. Durante a distribuição dos jornais, foram tomados depoimentos, gravados em vídeo, oportunidade em que os Feirantes, comerciantes e moradores registraram a importância da realização de trabalhos conjuntos com a Escola.

Às 10h, os alunos apresentaram a dramatização, no centro da Feira, chamando a atenção de todos que circulavam pelo local. O texto apresentava os problemas detectados através das entrevistas realizadas e apontava a organização e mobilização dos Feirantes como ponto de partida para a solução dos mesmos. Houve uma grande movimentação no sentido de observar a apresentação, e os alunos retornaram ao local da exposição, gritando e convidando a todos para visitá-la. Ao chegarem à Praça Dorival Caimmy, espontaneamente, iniciaram um samba de roda, mobilizando as pessoas que circulavam no local.

No período da tarde, houve a apresentação da banda, envolvendo professores, alunos, a equipe do Museu, transeuntes e turistas, no ritmo contagiante da “axé music”.

A exposição foi desmontada às 18h, com a participação de toda a equipe.

Durante todo o dia, houve uma boa participação dos professores dos diversos cursos do Colégio Lomanto Júnior e do seu Vice-diretor. Foram gravados depoimentos dos mesmos, a respeito dos programas que o MDCI vem realizando no Colégio, junto com a comunidade.

Classificando e documentando o conhecimento produzido:

R, responsável pelo Setor do 1º Grau, recolheu todo o material produzido no desenrolar da programação, como fotos, textos e entrevistas, organizando em pastas, para em seguida, com a orientação da Coordenadora do Setor de Documentação, Profa. Rosana Nascimento, realizar o processo documental, incorporando o acervo ao banco de dados, colocando-o à disposição dos usuários.

2ª Programação:*“Releitura da Exposição Labirinto da Moda”*

Esta programação foi executada no período de setembro a novembro de 1996, tendo sido planejada pelo Setor de 2º Grau do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, pretendendo, além de outros objetivos, atingir uma das metas definidas para o Museu, em 96, que foi: *“Manter Intercâmbio com Outros Museus da Cidade do Salvador”*. As atividades foram desenvolvidas com os alunos do Curso de Magistério, tendo sido realizadas, em duas etapas, sendo que a primeira foi realizada no Museu de Arte da Bahia, quando da apresentação da exposição circulante *“Labirinto da Moda”*, organizada pelo Serviço Social do Comércio - SESC, de São Paulo, abordando a moda infantil, em vários períodos, e que foi apresentada no Museu de Arte da Bahia no período de 13 de agosto a novembro de 1996, com a realização de oficinas (confecção de roupas, tecidos em tear, renda de bilros, bonecas de pano, cortinas e um *brechó* para apresentação de dramatizações).

A segunda etapa foi realizada no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, utilizando-se a sala de aula e o espaço do Museu.

DESENVOLVIMENTO DA PROGRAMAÇÃO:

1ª etapa:

Fase preparatória:

Com o objetivo de preparar os componentes dos diversos Setores do Museu, para a realização do trabalho, foi realizada uma visita, com os mesmos, ao Museu de Arte da Bahia, quando tiveram oportunidade de visitar a exposição “Labirinto da Moda” e participar das oficinas, com orientação dos monitores. A equipe do MDCI também teve oportunidade de visitar a exposição permanente do Museu de Arte da Bahia, ocasião em que foi realizada uma discussão sobre as diferentes categorias de museus.

O Setor de 2^o Grau, com a participação dos professores e da Coordenação do Magistério, organizou um cronograma de visitas para todas as turmas do curso, sendo que, quando da realização das mesmas, a cada dia, dois ou três membros do MDCI acompanhavam as alunas e participavam das atividades no Museu de Arte da Bahia, chamando a atenção do grupo para a necessidade de se aproveitar o conteúdo da exposição, para a realização de atividades em sala de aula, tanto nos estágios como, posteriormente, após a conclusão do curso.

2ª etapa:

Após todas as turmas do Magistério terem realizado a visita ao Museu de Arte da Bahia, a equipe do MDCI propôs ao Prof. Ives Quaglia, responsável por ministrar a disciplina Educação Artística, no 3º ano de Magistério, realizar uma oficina, em sala de aula, com todas as turmas, com o objetivo de aproveitar os conteúdos da exposição, e, de forma criativa utilizá-lo, em sala de aula, planejando atividades, que poderiam ser utilizadas, posteriormente, como futuras professoras. As atividades também objetivavam apresentar, a todo o Colégio, os resultados das reflexões realizadas a partir da visita à exposição “Labirinto da Moda”. Todas as atividades foram acompanhadas pelos componentes do Setor de 2º Grau do MDCI, sendo que o material produzido deveria ser apresentado em uma exposição, a ser montada no espaço do MDCI, com a participação das alunas.

Desenvolvendo as oficinas:

A proposta de trabalho foi apresentada às diversas turmas, quando os alunos a discutiram e sugeriram os temas e a metodologia que seria utilizada. Cada turma foi dividida em equipes, tendo-se desenvolvido as seguintes atividades:

Equipes 1 e 2:

Elaboração de uma estória, escolhendo a faixa etária e a série dos alunos. Confeção de bonecas de pano, correspondentes aos personagens da estória.

Equipe 3:

Elaboração de uma estória e confeção de fantoches, para ilustrar a mesma. Preparação dos cenários para apresentação.

Equipe 4:

Confecção de cortinas, utilizando retalhos de pano, canudos, fitas, tubos de linha, tampas de garrafa, etc. Cada equipe confeccionou duas cortinas.

Equipe 5:

Responsável pela divulgação da exposição. Preparação de cartazes, convites e faixa.

O material utilizado foi coletado em casa, pelas alunas, e também fornecido pelo Museu.

A equipe do Museu decidiu estender, também, a atividade de confecção de bonecas de pano aos alunos do 1^o Grau.

Divulgando e Montando a exposição:

Os cartazes foram afixados no Colégio e em outras instituições do Bairro, tendo sido colocada uma faixa, na rua principal, em frente ao Colégio. Os convites foram distribuídos com os alunos das diversas turmas e cursos, bem como entre os professores.

Os alunos deram o título “*Um Dia Fomos Criados, Hoje Vamos Criar*”, à exposição, que foi montada no espaço do Museu, com a participação de todas as equipes e dos componentes dos Setores do MDCl, especialmente do Setores de 2^o Grau e Exposição e Programação Visual. Durante a abertura os alunos foram convidados a assistir ao teatro de fantoches, tendo havido uma grande participação dos estudantes do 1^o Grau.

A exposição ficou montada durante 10 dias, tendo sido visitada pelos alunos das diversas turmas e turnos.

Avaliando o processo:

Foi realizada uma reunião, com as turmas que participaram das oficinas e da montagem da exposição, oportunidade em que os alunos analisaram a experiência vivida, ao tempo em que a equipe do Museu enfatizava aspectos considerados importantes para a formação do professor, tais como incentivo à criatividade, e a utilização do patrimônio cultural como um referencial para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, destacando-se, também, a importância dos museus nesse processo, realizando uma análise das ações desenvolvidas no Museu de Arte da Bahia e no MDCI.

Ao final da reunião, os alunos solicitaram que a exposição fosse montada, novamente, quando do início do ano letivo, para que fosse realizada a recepção aos novos alunos ingressos no Colégio, sugestão que foi aceita pela equipe do Museu. O grupo decidiu, também, que as bonecas e os fantoches confeccionados fossem doados a uma creche do Bairro, após o trabalho com os “calouros”. Ao final da reunião a equipe do Museu convidou as alunas para continuarem participando das atividades do Museu, mesmo após a conclusão do curso.

3ª Programação:

“A COLÔNIA DE PESCA DE ITAPUÃ: uma ação museológica participativa.”

Esta programação teve como objetivo desenvolver uma ação museológica, com os membros da Colônia de Pesca Z-6 de Itapuã, realizando uma reflexão conjunta com os pescadores do Bairro, no sentido de compreender a importância do seu fazer cultural, qualificando-o como patrimônio cultural, visando ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento social.

A atividade foi uma proposta das alunas do Curso de Museologia da UFBA, matriculadas no segundo semestre de 1996, na disciplina Estágio Supervisionado, sob a nossa coordenação, e teve a participação dos pescadores, dos componentes do Núcleo Básico do Museu Didático-Comunitário de Itapuã, especialmente dos Setores de Conservação, Comunidade, Exposição e Programação Visual. Vale a pena ressaltar que participam dos Setores do Museu, professores e alunos do Curso de Museologia da UFBA e do Colégio, alunos e ex-alunos do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, que residem no Bairro e em Bairros vizinhos.

Fase Preparatória:

Foram realizados contatos com a diretoria da Colônia de Pesca Z-6, para apresentação da proposta de trabalho, tendo-se obtido a aceitação da mesma. Em seguida foram realizadas reuniões, da qual participaram os pescadores presentes na Colônia, tendo-se estabelecido os seguintes objetivos e metas para o projeto:

GERAL:

Qualificar culturalmente o trabalho exercido pelos pescadores da Colônia de Pesca Z-6, de Itapuã, desenvolvendo uma ação museológica participativa, visando ao exercício da cidadania e ao desenvolvimento social.

Específicos:

- a) Estabelecer uma relação entre patrimônio cultural e natural;
- b) Identificar as expectativas dos pescadores em relação ao projeto e à ação museológica proposta;
- c) Discutir e selecionar os temas que seriam abordados;
- d) Inserir a Colônia de Pesca no contexto da Cidade do Salvador, qualificando-a como Patrimônio Cultural;
- e) Refletir com o grupo sobre o desenvolvimento das ações museológicas e adequar a sua aplicação ao contexto da Colônia;
- f) Contribuir para aumentar a auto-estima dos participantes da Colônia de Pesca Z-6;
- g) Realizar uma ação documental com a participação dos membros da Colônia.

Após a definição dos objetivos, identificação das necessidades, escolha dos temas e prioridades definidas pelo grupo de pescadores, foram definidas as seguintes metas:

- Realização de uma visita ao MDCI (Museu Didático-Comunitário de Itapuã)
- Formação de uma equipe responsável pela execução do projeto;
- Realização de um evento para a inauguração da nova sede da Colônia de Pesca;
- Elaboração de um diagnóstico sobre o acervo da Colônia de Pesca;
- Aplicação ou adaptação do sistema de documentação do MDCI ao acervo da Colônia de Pesca;

- Aplicação de procedimentos de conservação ao acervo existente e coletado;
- Organização de um banco de dados sobre a Colônia de Pesca Z-6
- Levantamento dos Sócios da Colônia que participariam da coleta de informações sobre a Colônia e sobre o Bairro;
- Realização de entrevistas com membros da Colônia de Pesca, transcrição das mesmas e incorporação ao banco de dados;
- Realização de seminários com a participação dos membros da Colônia;
- Montagem de uma exposição sobre as diversas etapas do trabalho.
- Elaboração de um texto sobre a Colônia Z-6.

4- OPERACIONALIZAÇÃO:

- **Visita ao Museu Didático-Comunitário de Itapuã:**

Esta atividade teve como objetivo apresentar, aos pescadores, uma ação museológica semelhante à que seria desenvolvida com os mesmos, na Colônia. O grupo foi reunido no auditório do Colégio, em companhia de alunos e membros dos diversos Setores, assistiram a um vídeo sobre o Museu, destacando os objetivos, metas e metodologia utilizada nas diversas programações, enfocando, também, aspectos do patrimônio cultural do Bairro, inclusive a atividade de pesca, com entrevistas de pescadores. Após a projeção do vídeo houve uma discussão do mesmo, e, em seguida, uma visita ao espaço do MDCI, com explicações sobre as exposições, o funcionamento dos diversos Setores e explicações detalhadas sobre o processo documental e a organização do banco de dados, tendo sido

localizados, pelos pescadores, entrevistas de moradores conhecidos do grupo e fotos do Bairro, em diversos períodos. Também foram fornecidas informações sobre os procedimentos de conservação aplicados ao acervo. Na mesma ocasião foi realizada uma comparação entre as ações já executadas no MDCI e a proposta a que seria desenvolvida na Colônia. Em seguida foi formada uma comissão, com a participação dos pescadores, que deveria ser responsável pela divulgação da proposta entre os mesmos, pela coleta do acervo e acompanhamento das demais atividades.

· ***Evento de Inauguração da Sede da Colônia de Pesca:***

A equipe executora do projeto, juntamente com os membros do Núcleo Básico do MDCI, montou uma exposição em frente à sede da Colônia Z-6, abordando os seguintes temas:

- O Museu de Itapuã;
- Objetivos e metas do Projeto.

A equipe participou das diversas atividades programadas para o evento, documentando em fotografias e vídeo e realizando a monitoria da exposição.

· ***Coleta, Diagnóstico do Acervo e aplicação de procedimentos de conservação:***

Foram identificados, com a ajuda dos pescadores participantes do projeto, os moradores locais e os membros da Colônia que possuíam acervos referentes à história do Bairro e da Colônia. Contatos foram mantidos, com o objetivo de apresentar os objetivos do projeto, convidá-los a participar, doando ou permitindo que os documentos

fossem reproduzidos, fornecendo informações sobre os mesmos e participando das atividades programadas.

À medida que o acervo foi sendo coletado, foi realizada uma seleção, por tema, e, em seguida, aplicados os procedimentos adequados à limpeza e conservação dos mesmos. Houve um período de treinamento da equipe, fornecido pela museóloga Gilka Santana, que já havia ministrado dois cursos de conservação de papel e fotografia à equipe do MDCI, do qual participou, também, a secretária da Colônia. O acervo da Colônia foi enriquecido com fotografias e outros documentos, como o original do estatuto, registros de inscrição, recibos, etc. Os documentos foram duplicados, inclusive as fotografias, e inseridos, também, no banco de dados do MDCI.

• *Pesquisa sobre a História da Colônia e do Bairro de Itapuã:*

Com a participação dos pescadores, foi elaborada uma relação, com os endereços dos membros da Colônia, que poderiam fornecer informações sobre a história do Bairro e da Colônia, eliminando-se as pessoas que já haviam sido entrevistadas pela equipe do MDCI, evitando-se duplicidade de informações e perda de tempo. Contatos foram feitos com as pessoas identificadas, quando foram apresentados os objetivos do Projeto, convidando-os a participar do mesmo e solicitando autorização para a entrevista.

Para realização das entrevistas, foram utilizados os instrumentos já elaborados pelo MDCI, como termos de doação e roteiro de entrevistas, que foram gravadas, transcritas e incorporadas ao banco de dados do Museu e da Colônia. Foi realizado, também, um levantamento bibliográfico sobre a pesca no Brasil e na Bahia.

Tomando como referencial os dados coletados, foi elaborado um texto sobre a pesca e sobre a Colônia Z-6.

Desenvolvimento da ação documental:

Após o levantamento do acervo, foi definida uma divisão por tema e subtemas, para atender às necessidades do trabalho que seria desenvolvido com os membros da Colônia, sendo que os temas deveriam ser ampliados durante o processo, a partir das doações e das pesquisas que fossem sendo realizadas. O acervo foi classificado por tema, cada um recebeu um associado a uma cor de identificação, a saber:

- FOTOGRAFIAS - amarela;
- HISTÓRIA DA COLÔNIA - azul;
- ENTREVISTAS - rosa;
- SÓCIOS DA COLÔNIA - verde;
- EVENTOS - vermelho;
- PROJETOS - branco.

Todas as etapas do projeto foram registradas em fotografias em preto e branco e coloridas, as quais foram incorporadas ao banco de dados do MDCI e da Colônia.

• *Discutindo os Conceitos de Cultura e Patrimônio Cultural:*

À medida que as ações de pesquisa, documentação e preservação foram sendo realizadas, foram sendo discutidos, os conceitos de cultura, patrimônio cultural e cidadania, tomando-se como referencial a experiência e a história de vida dos componentes da Colônia de Pesca. Foi impossível realizar seminários, nos moldes acadêmicos, uma vez que os pescadores não têm um horário fixo de

trabalho e, não estão acostumados a esse tipo de atividade, além de que possuïrem um ritmo próprio de organizar seus horários e atividades.

Houve o desenvolvimento de uma atividade no mar, com a participação de toda a equipe responsável pelo projeto, quando foi realizado um mapeamento dos marcos existentes na Cidade do Salvador, que são considerados, pelos pescadores, como pontos referenciais para localização dos pesqueiros. A identificação, com nomes específicos, aos marcos referenciais e a cada pesqueiro, é uma tradição que vem sendo transmitida de uma geração a outra, bem como a localização dos mesmos. Essa atividade foi desenvolvida durante uma manhã, e, à medida que os pescadores iam mostrando detalhes da embarcação, e da prática da pesca, a equipe fazia a relação com os conceitos de cultura e patrimônio cultural.

Os componentes da equipe também participaram de alguns eventos tradicionais do Bairro, dos quais os pescadores participam ativamente, como a Procissão de 1^o de Janeiro, organizada pela Igreja local, em que houve participação na decoração do andor e da Festa de Iemanjá, organizada pela própria Colônia.

Montagem de uma Exposição sobre o Projeto:

No mês de janeiro de 1997, ao final das atividades do Estágio Supervisionado, das alunas do Curso de Museologia, foi montada uma exposição na Colônia de Pesca, à beira da praia, da qual os pescadores participaram, na montagem e na monitoria. Optou-se por apresentar o mínimo de texto possível. Foi apresentado todo o processo desenvolvido e os resultados já alcançados, utilizando-se fotografias, de todas as etapas do trabalho, e gravuras, relacionadas ao fazer cotidiano dos pescadores. As informações foram afixadas em redes e

tarrafas, devidamente preparadas pelos pescadores, que, com bastante entusiasmo, apontavam soluções para a montagem da exposição.

Foi escolhido, para realização da exposição, um dia de domingo, devido ao grande número de pessoas que freqüentam o Bairro, para o banho de mar. Durante todo o dia, as pessoas, em traje de banho, inclusive os vendedores ambulantes, olhavam a exposição e liam um texto resumido, sobre os objetivos do trabalho, que foi preparado para ser distribuído naquela ocasião. Observou-se, também, a visita de moradores locais e de familiares dos pescadores, que ali estiveram, a convite dos mesmos.

As estagiárias do Curso de Museologia elaboraram relatórios das atividades desenvolvidas, que foram incorporados aos bancos de dados da Colônia e do Museu Didático-Comunitário de Itapuã.

Com o início do ano letivo de 1996 no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, pretende-se desenvolver uma programação, cujo tema será a atividade pesqueira no Bairro, da qual deverão participar os alunos do 1º e do 2º Graus, quando deverá ser montada a mesma exposição na Escola, com a participação dos pescadores.

4 - O MUSEU, A ESCOLA E A COMUNIDADE: contribuições ao processo museológico e à educação.

Os referenciais apontados no item 2 do presente trabalho permitiram traçar uma concepção básica inicial, que foi o ponto de partida, no sentido de nortear as programações descritas no item anterior. Entretanto, houve o entendimento de que não seriam aplicados como uma receita pronta, mesmo porque, o que se pretendia era uma interação com os diversos grupos participantes das ações

executadas. À medida que os programas foram sendo executados, a concepção básica inicial deixou de ser domínio somente da Coordenadora, tomando características próprias, ao longo do caminhar, tendo sido, portanto, enriquecidas no processo. Portanto, é necessário, neste momento, realizar uma reflexão, buscando apontar as possíveis contribuições, ao processo de integração entre o Museu, a Escola e a Comunidade. É necessário esclarecer que, embora os três programas tomados como estudo de caso, tenham sido realizados em um museu didático-comunitário, e mesmo considerando as especificidades dessa instituição, acreditamos que as ações ali desenvolvidas possam servir como referencial para qualquer categoria de museu, desde que se realizem as reduções necessárias, no sentido de adaptá-las a outras realidades. Acreditamos que os programas dos museus são o resultado da concepção de museologia e de museu, assumidas por aqueles que atuam nas instituições museais, e que por meio da sua atuação, no interior ou fora da instituição, podem alimentar a teoria museológica, e, conseqüentemente, provocar a necessária transformação no museu. A instituição “museu não é um dado pronto, acabado. É o resultado das ações humanas que o estão construindo ou reconstruindo a cada momento; portanto, é prática social, é parte do patrimônio cultural. A museologia é processo. A ação museológica pode anteceder-se à existência objetiva do museu. Pode gerar, ou não, o museu. O museu pode ser o resultado dos avanços da construção do conhecimento, na Museologia, em vários momentos históricos, e, portanto, em estreita relação com a teoria museológica. Passemos, pois, a alguns resultados alcançados, provenientes de uma ação museológica, que teve, como suporte, a prática social, qualificada como patrimônio cultural:

- Foi possível uma rede de interação de recursos educativos, integrando os mesmos a objetivos comuns, tornando a escola um

sistema aberto, em contínua comunicação com o meio, o que demonstra não existir uma dicotomia entre *educação formal e não-formal*. As vivências dos Feirantes, dos pescadores e dos próprios alunos foram consideradas como exemplos de superação de problemas, cujas soluções foram analisadas como elementos de aprendizagem. Os resultados obtidos confirmam, portanto, que é possível enriquecer a Pedagogia e a Museologia, com a participação de milhares de sujeitos que estão fora da escola, e que, constantemente, encontram soluções criativas para a solução dos problemas que são enfrentados no cotidiano. Entretanto, para que essa troca efetiva seja realizada, torna-se necessário que o museólogo, o pedagogo ou qualquer outro profissional, que venha a desenvolver uma ação efetiva entre o Museu, a Escola e a Comunidade, desça do seu pedestal de dono do conhecimento, tornando-se um mediador, um professor-aluno, que enriquece e é enriquecido;

- Os recursos e fontes potenciais da comunidade e da Cidade do Salvador, foram utilizados em um processo contínuo de aprendizagem de jovens e adultos, tendo sido possível, também, compreender que, qualquer museu, independentemente da sua categoria e localização, pode trabalhar com os acervos institucional e operacional;
- Os sujeitos envolvidos nas três programações tiveram a oportunidade de agir, de forma participativa e criativa, contribuindo, efetivamente, para a melhoria da qualidade do ensino e para a construção do conhecimento;
- Foi possível aos participantes traçarem suas próprias experiências, enriquecendo as ações museológicas, apontando para a solução de problemas, muitas vezes insolúveis, no interior da academia, presa

a cânones e a “padrões museológicos” alheios à nossa realidade. As montagens das exposições, por exemplo, foram realizadas de forma extremamente simples, considerando-se as reais possibilidades oferecidas, em termos de materiais e espaço, e, sobretudo, privilegiando a participação dos sujeitos envolvidos nas ações que as originaram. Desta forma, as regras tradicionais da Museografia tiveram que ser substituídas pelo “fazer possível e criativo”. O que se privilegiou não foi a exposição, enquanto produto estético, pronto, acabado, elaborado pelo técnico, mas as possibilidades de socialização e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, organização e solução de problemas, de forma criativa. Não tivemos nenhum pudor em quebrar as regras aprendidas na academia.

- Do processo de construção do conhecimento é que foi realizada a musealização, processada a partir da prática social (na Escola e no Bairro), na sua dinâmica real, ou seja no processo social, em interação, considerando-se as suas dimensões de tempo e espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano . A ação museológica não objetivou a *representação cultural*, entendendo a cultura como um domínio à parte, em forma de eventos, ou separando os objetos das práticas culturais que lhes conferiram significado, marcada pela dissociação entre o produtor e o consumidor. Ao contrário, buscou a *qualificação* da cultura, através da interação entre os técnicos e os sujeitos envolvidos no processo . Foi com o objetivo de *culturalizar* as muitas realidades do Bairro e da escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido que as diversas ações foram desenvolvidas, motivando a realização de novas práticas sociais. O processo museológico tornou possível então a *qualificação* da cultura. O cotidiano da Escola e do Bairro,

qualificado como patrimônio cultural, foi o objeto de pesquisa, o vetor de todas as ações desenvolvidas em interação com alunos, professores e moradores locais.

- Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. Em se tratando do Curso de Magistério, este aspecto foi de fundamental importância, pois, ao desenvolverem programas a partir da análise da realidade, compreendida enquanto fazer cultural, os alunos vivenciaram, na prática, como planejar, organizar e avaliar programas desse teor, o que as capacitou a desenvolver ações semelhantes quando da sua prática profissional.
- Foi possível constatar que, mesmo no currículo já instituído é possível adequar os diversos conteúdos programáticos aos interesses dos alunos, tornando o ensino mais próximo da realidade, contribuindo para o processo de reflexão, análise e transformação da realidade. Por meio dos diversos programas desenvolvidos, conseguiu-se revitalizar a escola, sua relação com a comunidade e a participação efetiva no fazer cotidiano da sala de aula, com os alunos se envolvendo com a escola e com o seu Bairro. Por outro lado, foi possível, através do planejamento em conjunto, do acompanhamento das diversas ações, realizar com os professores e com a equipe de Museologia um treinamento em serviço, no cotidiano da escola, utilizando o fazer cultural local como referencial, sem retirar os docentes da sala de aula.
- Foi possível realizar um intercâmbio bastante produtivo entre um museu da Escola e do Bairro, e um museu de Arte, localizado no Centro da Cidade, fato que tornou possível, por parte do grupo

envolvido na programação, compreender que existem diferentes categorias de museus, sendo possível, portanto a interação entre os mesmos, contribuindo para a formação do cidadão e para o desenvolvimento social;

- Por meio das ações museológicas integradas à prática de ensino do 1º e 2º Graus, viabilizou-se a participação de estagiários do Curso de Museologia, realizando uma prática museológica, com base na participação e na interação com os diversos participantes, produzindo conhecimento a partir dos referenciais da nossa realidade. Por meio dos programas desenvolvidos, foi possível, também, divulgar e ampliar a atuação da Universidade Federal da Bahia (Curso de Museologia), integrando-a à comunidade onde está inserida, não como entidade superior que leva o conhecimento produzido na academia, mas aberta ao diálogo e à troca, deixando-se enriquecer e possibilitando também um enriquecimento dos demais cursos participantes das programações.

Como ressaltamos, no início deste texto, não pretendemos que as reflexões aqui apresentadas sejam definitivas, prontas, acabadas, esperamos que sejam um incentivo ao debate. Por outro lado, salientamos que, com os resultados acima apresentados não almejamos uma neutralidade absoluta, apagando as marcas da nossa implicação, em nosso objeto de estudo. Assim como na minha tese de doutorado, me incluo, também na análise que aqui foi realizada, registrando que, mesmo após a conclusão do meu curso de pós-graduação, a minha atuação no MDCl, tem sido, para min, uma fonte infinita de conhecimento e crescimento pessoal. Reforço, mais uma vez, que tem sido um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão e sonho. O que não exclui, naturalmente, as dificuldades. A

nossa luta no sentido de integrar o Museu, a Escola e a Comunidade, tem sido permeada por muitas “pedras no meio do caminho”. Transpo-las, tem sido um grande aprendizado, um desafio constante, na busca da melhoria da qualidade do ensino e de uma Museologia mais ajustada à realidade da América Latina.

5 - BIBLIOGRAFIA

- Ammann, Safira Bezerra. *Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1991.
- Arapiraca, José Oliveira. *Escola de Produção Comunitária; para vilas e povoado*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- Blanco, Angela Garcia. *Didática del Museo; el descubrimiento de los objetos*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1994.
- Batista, Myrian Veras. *Desenvolvimento de Comunidade: estudo de integração do planejamento do desenvolvimento de comunidade no planejamento do desenvolvimento global*. São Paulo: Cortez, 1979.
- Demo, Pedro. *Avaliação Qualitativa*. Campinas: Autores Associados, 1995.
- _____. *Educar pela Pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____. *Pobreza Política*. Campinas: Autores Associados, 1994.

- Nidelcoff, Maria Teresa. *A Escola e a Compreensão da Realidade*: São Paulo: Brasiliense, 1979.
- Peixoto, Maria Solange e outros. *Movimentos Populares: a escola comunitária e a cidadania*. Salvador: UFBA/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.
- Sander, Benno, 1936. *Gestão da Educação na América Latina: construção e reconstrução do conhecimento*. Campinas: Autores Associados, 1995.
- Santos, Maria Célia. *Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária*. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1987.
- _____. *Integrando a escola ao Bairro*. Estudos IAT V. Salvador: Instituto Anísio Teixeira, 1990.
- _____. *Processo Museológico e Educação: construindo um museu didático-comunitário, em Itapuã (tese de doutorado)* Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, 1995.
- Sirvent, Maria Teresa. (org). *Educação Comunitária. A Experiência do Espírito Santo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Simon, Schwartzman. *Ciência, Universidade e Ideologia*. Rio de Janeiro,: Zahar, 1980.
- Telmo, Isabel Cottinelli. *O Patrimônio e a Escola do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora, 1991.
- Vianna, Ilca Oliveira de Almeida. *Planejamento Participativo na Escola: um desafio ao educador*. São Paulo: EPU, 1986